

Oficina de Festa: o evoé de Zé Celso

Sentados no tapete vermelho do teatro Oficina, temos à frente a cabeleira branca em contraluz, a voz serena dos sábios em meio aos gestos ansiosos e imprecisos dos meninos. José Celso Martinez Corrêa acende antigas fogueiras e evoca deuses, divas, dádivas de suas palavras, bacando no canto...

Canto das Bacantes

Oh, bem aventurado, é feliz quem por uma sorte do destino inicia-se nos mistérios divinos, a vida vira santa, a alma vira corpo, bacando nos morros; e pratica as sagradas ações, noite e dia, e celebra a orgia, à grande mãe Cacilda e a Dionisius se entrega, coroa a cabeça de Hera. Um tiço levando na mão: “bachara” bacante...

Evangelho de Dionisius

Eurípedes transcreveu uma espécie de evangelho de Dionisius. A Grécia estava decadente, entrando numa fase mais positivista, digamos assim, abandonando seus deuses, a sua mistura de tudo com tudo. Restavam alguns terreiros (eu digo terreiros, deve ter outro nome...), lugares onde se praticava o rito de origem. Ele era vizinho de um terreiro de bacantes velhas, que já estavam decadentes. O evangelho de Dionisius tem 25 cantos e o estraçalhamento de Penteu, Dionisius se vestindo de mulher, seduzindo Penteu, enrabando Penteu, como uma árvore, uma árvore imensa e, através disso, as bacantes percebendo Penteu, estraçalhando, comendo a carne dele, esse é o mito da origem do teatro.

O teatro de agora, diluído nos séculos, continuou sendo sempre o teste por que passa o ator, é quase um teste de estraçalhamento mesmo, de descabaçamento. Para fazer bem uma peça, o ator precisa passar por uma morte iniciática, para atingir a ressurreição, esmagada como a uva, fermentada, apodrecida. A essência do mito, e do rito, e do teatro, está nas bacantes.

Hoje, o teatro é uma coisa extremamente apagada, é uma arte que não teve sua epifania muito clara, principalmente agora, nessa sociedade neoliberal. O teatro brasileiro, há vinte, trinta anos, foi esmagado por um ato militar porque ele começou a ficar muito poderoso... *Roda viva*, em 68, era uma festa dionisíaca, o coro era extremamente importante e também estraçalhava seu ídolo e comia o seu fígado, já prenunciando *As bacantes* [montagem de 1997]. Essa peça provocou um tumulto, uma afluência de multidões ao teatro e, nesse momento, ele mudou de lado.

O maior orgulho que eu tenho com *As bacantes* é que, mesmo com suas milhares de imperfeições, nós conseguimos recriar o rito. Mas não conseguimos cortar a cabeça de Penteu— a gente não tem uma festa bancada, como era pelos Penteus na Grécia, pelos poderosos, que bancavam as orgias, as festas. É um rito público, é um rito de multidões, por isso ele funcionou demais em Salvador, pois é uma cidade entendida de ritos. O Rio de Janeiro também é entendido de ritos, de carnaval. Pode-se dizer que o Rio é Dionisius, a cidade mais dionisíaca do mundo. O primeiro carnaval que apareceu, o primeiro *recarnaval*, foi no Rio. O evoé era o grito carnavalesco do Rio, no começo desse século. E aí você tinha o teatro brasileiro inexplicavelmente fora desse ritual.

A dança, o toque, o passe

Roda viva é muito importante porque o teatro começou a se aproximar das festas orgiásticas, do futebol, do carnaval, de toda essa coisa em que o Brasil é muito rico, da dança, do passe, do toque, passe de centro espírita, do contato físico com o público, que se transforma em participante da festa. O contato físico do ator com o público é o que mais escandaliza hoje, e essa barreira foi vencida em *Roda viva*. No mundo inteiro, havia uma descoberta muito grande do corpo, da festa orgiástica, tanto que a revolução de 68 em Paris, ou mesmo a Revolução Vermelha na China – com todas as injustiças que ela possa ter trazido – foram grandes festas, a redescoberta de um lugar totalmente desterritorializado, onde se tiram as máscaras e as divisões, e se festeja o presente.

Mas não era só *Roda viva*, havia outras manifestações, as assembléias da classe teatral, em que a Cacilda Becker era o grande totem... Tanto que a gente diz nas *Bacantes* “o ritual da grande mãe Cacilda”, como se ela fosse a Semélis. A Cacilda é a origem do rito do teatro brasileiro contemporâneo, Semélis é a mortal que trepa com Zeus e que tem um filho que é o deus do teatro: é a Nossa Senhora que pari realmente. Não existe teatro se não tem a mulher, mãe e amante. A Vera Fischer, por exemplo, é evidentemente uma pré-deusa do teatro, mas aprisionada numa engrenagem. Na verdade, a cura da Vera Fischer seria sua entrega total à personagem que desse passagem a toda carga de libido de mãe e amante do teatro. A Cacilda é uma deusa que deve ser replantada, deve ser comida.

Paulicéia antropofágica

O Brasil é a devoração do bispo Sardinha e isso é fundamental para entender a festa no Brasil. As festas no teatro começaram principalmente com Oswald de Andrade e a Antropofagia; com o *Rei da Vela*, sem dúvida alguma. A grande antena, assim, festeira mesmo, na minha consciência, na minha experiência, foi Oswald. Ele entendeu o carnaval como religião da raça e que pede o teatro de estádio, a emoção do povo, como na Grécia, que se vê no rito dos índios, na antropofagia, uma sinalização absolutamente avançada e requintada. Foi Oswald quem me liberou a festa, me liberou a Radio Nacional, o pop, o índio, o negro. Eu deixei de ser paulista e passei a ser Paulicéia Desvairada!

Os baianos se orgulham tanto de ser baianos, os pernambucanos se orgulham tanto, e eu não me orgulho de ser paulista, eu detesto paulista! Aí um poeta de Pernambuco disse: “mas é a Paulicéia Desvairada, você é da Paulicéia, não é paulista!”. Eu acho que paulista é o agente da globalização, do imperialismo, que se estende pelo Brasil todo, é o bandeirante, o predador, o anti-festeiro, o corta-barato. No Natal, no Ano Novo, vai todo mundo embora; quando tem carnaval, vai todo mundo embora, a cidade não se entrega à festa. Mas foi em São Paulo que nasceu o modernismo. E tem o futebol, com aquelas ondas orgiásticas que existem na cidade: “Ah, eu tô maluco!”

Este lugar, o Teatro Oficina, foi incendiado e reconstruído para fazer *O rei da vela*, que pediu todo o espaço, pede mais ainda: que seja derrubada essa parede que dá para o estádio do Sílvio Santos, para essa ser uma rua de passagem, para se fazer festas de multidão.

E que Oswald nos resgate

A rejeição a Oswald de Andrade na USP é um problema gravíssimo. Ele tem duas teses maravilhosas: *A crise da filosofia messiânica* e *A marcha das utopias...* A filosofia brasileira, para mim, taí. E ele não é estudado, não é levado a sério, foi reprovado na USP. Acho que deveria haver um reestudo da obra do Oswald porque, não só nas teses como nos poemas, há uma sabedoria que eu acho que é fundamental numa Universidade. O paulista consegue que na sua Universidade não se estude Oswald de Andrade. É como se na Inglaterra você não estudasse Shakespeare! As peças do Oswald são fantásticas, ele consegue fazer a festa, faz dançar tudo.

Oswald é muito parecido com o Chico Science. Hoje ele estaria comendo a internet, a tecnologia toda, estaria tocando festa em tudo, porque falava muito do *bárbaro tecnizado*. Ele achava importantíssimo acentuar o que tivesse de bárbaro nos povos, de apaixonado, como a sua sabedoria – isso que o paulista recusa. *A Folha de São Paulo*, por exemplo, é um jornal respeitado, mas não é um jornal apaixonante, e poderia ser. Existe o terror da paixão. E o Oswald quer as grandes paixões, essas paixões *tecnizadas*, para fazer tudo festejar. A cultura do tropicalismo leva a esse caminho, esse é o caminho, o caminho da festa, sei lá, é um comunismo festeiro, uma festa comunista positiva, bárbara, que é a utopia necessária, única e possível de sobrevivência do mundo hoje. Não vejo como uma coisa distante, remota. Eu acho que praticamente a maior parte das pessoas sobrevivem porque elas conseguem festejar um pouquinho.

Verdade-tropicália

Eu fiquei super contente quando li o Caetano, achei o livro maravilhoso. Acho que os paulistas estão fazendo uma patrulha barra em cima do livro, não conseguem compreender a generosidade do que o Caetano está fazendo. O paulista é edipiano. Oswald de Andrade foi quem mais me influenciou e não tenho nenhum conflito de ser comido inteiramente por ele e comê-lo inteiramente, como ícone. Isso é muito difícil para um paulista entender, ele não admite que se possa entrar inteiramente no transe e que o transe seja inteligente, tem terror do transe. Ele é o Penteu, paulista é o Penteu! O livro do Caetano é uma tentativa de leitura do mundo, aliás, uma verdade. Existe uma palavra chamada verdade e ela pode até ser uma mentira, não importa, mas existe.

Dizem por exemplo que o tropicalismo está no poder, que nada! Você vê que o Caetano é um baiano de Santo Amaro, de pele mais escura, um brasileiro que varou por uma disciplina maravilhosa, tem um talento extraordinário e alcançou uma posição de poder. Quando os paulistas o combatem, você vê que é uma cabeça branca, colonizada, que não consegue compreender essa coisa que vem comendo, comendo, comendo, comendo, comendo e chega a essa posição de poder.

Corpo sem órgãos

Olha, a pior coisa proibida pelo Jânio Quadros foi o lança-perfume. Vocês não sabem o êxtase que era as pessoas no carnaval espirrando umas nas outras, para namorar... às vezes por maldade jogavam nos olhos, nas bocetas das meninas, e o cheiro que aquilo deixava no

ar, no lenço, os bailes todos...

Artaud tem uma peça dizendo assim: “quando vocês tiverem desfeito um corpo sem órgãos, vocês vão ter livrado o homem de todos os seus automatismos, e terão lhe devolvido a verdadeira e imortal liberdade, aí vão poder lhe reensinar a dançar pelo avesso como na loucura dos bailes de rua, e esse avesso é o seu verdadeiro eu”.

Ele também via a verdade do eu no avesso, na energia que tem o baile de rua. Em Recife tem uma dança nova em que se faz uma roda super acelerada e uma pessoa vai e atira o corpo sobre a outra e puxa a outra para dançar, violento mesmo, e você não pode parar de dançar e aquilo vai indo numa velocidade e vai criando uma dinâmica que você vira do avesso mesmo! Cria um sentido de liberdade, de corpo sem órgãos, acaba ego, acaba tudo e vem uma força que você não sabe de onde.

É preciso festejar, aniversário, Natal, Ano Novo, festa que você goste, que você não goste, tudo tem que ser pretexto; cada dia você tem que inventar um jeito para celebrar e entrar em contato com o corpo sem órgãos.